

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE ESCRITAS JUVENIS NO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO

Nazarete Andrade Mariano¹

Resumo: Trata-se de um estudo cujo foco é apresentar contribuições teórico-metodológicas sobre escritas de jovens estudantes. Criação literária, que se desloca do espaço formal e de prestígio com possibilidade de garantir um lugar de criação no construto de escritas com marcas de identidades tencionando, para outra cena na formação de jovens autoras e autores. Um recorte do projeto inicial de tese com indagação para problematizar marcas identitárias presentes nas produções escritas de jovens autoras do Sertão do Semiárido nordestino. Para essa discussão epistemológica são necessárias as contribuições, entre outros, de Saussure (1916), Deleuze (1972; 2009), Barthes (1972, 1977, 2013), Rajagopalan (2003), Fiorin (2016); Street, (2010; 2014); Cosson (2006); Hall, (2009; 2019); Seidel (2020); Santos (2020). Logo, é um esboço das contribuições iniciais.

Palavras-Chave: Lugar de Criação. Escritas de Identidades. Docente-autor/a. Formação-Criação.

UMA CENA DE ABERTURA

O que não falta pelas bandas de cá, no do Sertão do São Francisco, são vivências. Modos de contar suas experiências. O sertanejo tem um jeito peculiar de narrar suas histórias; mesmo quando diz que não há muito que contar, ele está inventando sua teatralidade para contar um “causo”, seja de um fato corriqueiro, seja ficção narrada de geração para geração. Muita prosa boa de ouvir, muitos enredos prontos para entrar na cena da escrita e ficar no registro que o tempo não apaga facilmente.

Escritura que precisa ser apreciada com a lupa de sinais indiciários de uma pesquisa, da investigação, da curiosidade que nos move, pois, se fizermos uma simples varredura em referências

bibliográficas, não nos custará muito para percebermos que, ainda, pouco é encontrado desses modos que o sertanejo tem de contar suas histórias em produções escritas, especialmente, quando se trata de jovens estudantes oriundos de Escola Pública.

E mais, ao observar, mesmo que de maneira simples, mas, não simplória, é notório que há uma diversidade de estereótipos sobre os modos de produção de estudantes durante sua estada no Ensino Médio. Em se tratando de jovens da Educação Básica do Sertão nordestino, isso fica mais aflorado, a exemplo de: estudantes de Escolas Públicas que chegam ao Ensino Médio sem nunca terem lido um livro literário completo, sem terem escrito texto em prosa ou verso com coesão e coerência.

Além das falácias como: estudante de Escola Pública não sabe ler e escrever porque o professor, especificamente, a professora de Língua Portuguesa também não faz uso dessas práticas em sala de aula. Não estamos, com isso, excluindo que não haja problemas dessa natureza na Escola Pública. Isso é sabido e notório; porém, não impede de olhar o que temos fora da “caverna”, daquilo que não tem e, ou, daquilo que não se produz. Vale esclarecer que este estudo é um recorte do projeto inicial de tese que trata de *Escrita com marcas identitárias na produção juvenil do Sertão* que durante as aulas e orientações do doutorado, descortinou para outra teatralidade.

A dobra desse recorte traz insurgentes contribuições teórico-metodológicas, que possibilita a legitimação de escritas juvenis do Sertão com marcas identitárias em produções de estudantes oriundas do Ensino Médio de Escolas Públicas do Sertão nordestino, do qual se devem levar em conta pressupostos como: subjetividade e identidade, modos de produção, formação-autoria e as práticas de letramentos, que perpassam essas escritas potencializadas, ou não, nos espaços formais e, ou informais de ensino.

Por essa reverberação, este estudo tem chances de contribuir com o debate sobre formação de autoras; autores juvenis e suas práticas sociais de escritas, inclusive, de um agenciamento do Lugar de Criação como outra cena na formação autoral. Meninas e meninos que trazem, no seu “escrevinhar”, traços de uma literatura de desmonte, uma vez que há indícios de encontrar modos autorais de produção, marcados pela capacidade de conhecer, derivados de experiências próprias da capacidade humana: ver, compreender e estar no mundo e nos mais diversos contextos.

Um estudo, que resulta num encontro de experiências, ou melhor, de “escrevivências” Evaristo (2016) que se desloca do espaço formal e de prestígio com possibilidade de garantir uma construção identitária de jovens estudantes autoras; autores com marcas e personalidades peculiares, caracterizadas pela escrita de suas vivências. Esse cenário, por sua vez, possibilita condições necessárias para que se estabeleça um diálogo estreito entre as interfaces no campo linguístico-literário, especialmente, de práticas sociais de letramento literário, em consonância com o platô da Crítica Cultural.

Para tanto há de se problematizar: marcas identitárias presentes nas produções escritas de jovens autoras do Sertão do Semiárido nordestino, levando em consideração os modos de produções desenvolvidos tanto em contexto formal quanto em informal de ensino? Indagação importante para descobertas de operadores na fronteira entre as produções com marcas identitárias e a formação de um lugar de autor-autoria.

Trata-se de uma pesquisa que sugere uma natureza teórico-metodológica nos pressupostos de práticas de letramento como fator social postulado por Street (2010; 2014); Kleiman (2001; 2007); Santos (2011). Fator social nas práticas de letramento que nos lembram das “escrevivências” de Evaristo (2016; 2018);

Cosson (2006) que apresenta o letramento literário em consonância com as práticas sociais de leitura e escrita. Também, pensar a reviravolta de significantes não mais pelo pensamento colonizador europeu. Nessa perspectiva, é pertinente pensar a formação de jovens estudantes com escrita considerada periférica e subalternizada em detrimento ao poder de narrativas universais, presentes em significados fixados ao longo do processo educacional. Hall (2009; 2019) e Woodward (2020) nos apresentam o processo de construção identitária, diferença e subjetividade.

Um gancho para o diálogo entre identidade e subjetividade que Sírio Possenti (1998) traz em suas notas sobre condições de possibilidade da subjetividade na linguagem. De Certeau (2012) e sua contribuição com a apropriação das táticas de invenção e as operações dos usuários da escrita. Como diz Santos (2012) “os nomes não nascem grudados com as coisas”. E Saussure (CLG, 2012) a arbitrariedade dos signos Saussuriana.

Cumprir situar o *escrevinhar* juvenil, a formação de jovens *escreventes* e seus traços subjetivos presentes nos modos de produção de Ensino Médio da Educação Básica, especialmente, oriundos de contextos que são aglomerados urbanos de moradias subnormais do Sertão do São Francisco. No decorrer das discussões, traremos citações da estudante autora Silva (2019) como potencialidade de demais produções autorais juvenis.

INSURGENTES CONTRIBUIÇÕES

Se tudo na humanidade passa pela linguagem, logo os sentidos são insurgentes aos seres de linguagem. Assim, há de se pensar a linguagem em um processo de devenir, de romper, de dupla captura, considerando a dialética da experiência como própria da subjetividade humana. Experiência essa que, segundo

Possenti (1998, p. 100) seria um pensar do sujeito para além, “de seu papel de mero suporte, quanto à hipótese da máquina discursiva uniforme, estável”. Possenti nos faz parafrasear De Certeau (2012) de que a potência das operações está com os usuários, está na arte de fazer com, está, por assim dizer, no uso das táticas.

Isso nos proporciona refletir a emergência do signo para problematizar as marcas identitárias nos insurgentes modos de produção juvenis. Assim, não há como falar de signo sem pensar os postulados Saussurianos, (2012) que, em seus estudos, possibilitam o surgimento de uma ciência que traz o signo e o significante para o cerne das discussões sobre língua e linguagem. Uma vez que os seres humanos estão enraizados em um mundo de significados, ainda, fixados, mas também de formas e significantes. Isso ocorre pela experiência que tem na e pela linguagem como dispositivo de poder para tal.

Narrativas, muitas vezes, distanciadas entre a linguagem, a diversidade cultural e identitária que Lévi-Strauss (1958, p. 80) categoriza como uma briga de braço entre a antropologia e linguística: “discutimos num outro nível, em que a questão já não é da relação entre *uma* língua e *uma* cultura, mas a da relação entre *linguagem* e *cultura* em geral.” A linguagem, nesse sentido, é a arquitetura que os seres humanos criam e utilizam-na para refletir as manifestações culturais nas diversas interfaces sociais, o que leva à proposição emergencial de reflexão de escritas de jovens estudantes potencializadas por coletivos de modos de produção literários: produção de livros coletivos, participação de projetos de extensão, roda de conversas, recitais e saraus, especialmente, na modalidade online.

Um agenciamento de outra cena no cenário escolar que, como indica Cosson (2006, p. 97) “é preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e que à capacidade da palavra [...] seja

significativa”. O autor traz, em seus estudos, o letramento literário voltado à prática de leitura de textos literários. Aqui houve um deslocar de suas discussões dessa multiplicidade significativa para a palavra escrita. Mesmo que a escrita seja um ato solitário, porém, quando há um coletivo para a discussão e reflexão sobre o processo de produção autoral, ganha outros ares. O ato de criar se torna uma necessidade para descortinar o teatro por muito tempo silenciado.

Tais produções podem ser vistas como operadoras de fronteiras de escritas minoritárias, muitas vezes silenciadas, para uma escrita-limite, que possibilita visibilizar as marcas identitárias pelo viés do letramento como fator social presente em práticas experienciadas pelos sujeitos que nomeiam, que significam e fazem leituras e ‘desleituras” Seidel (2020), seria, até mesmo, um “descrever”, pois surge a possibilidade de outra materialidade de escrita, de outro texto, de um “escrevinhar” antes silenciado numa gaveta ou pasta qualquer, que pode configurar em um “linguicídio” como indica a contribuição de Nascimento (2019) ou, ainda, podemos pensar em um “escrevecídio”.

Um descortinar que a autora juvenil Silva (2019) diz “[...] Não poderia deixar de me expressar através do uso das palavras escritas, pois elas estão repletas de marcas que imprimo a cada produção.” Escrever para falar ao mundo, mesmo que este mundo seja pequeno, voltado às margens. Escrever para ecoar gritos presos no silêncio ensurdecido das escritas para o efeito de uma nota, de uma avaliação. Escrever para outros leitores distintos daquele único leitor que leva a produção silenciada de uma única e fechada finalidade. Como diz Seidel (2020, p. 8) “Escrever é dizer, redizer, des-dizer, contradizer. É escrever a favor, escrever contra”. Acrescento dizendo, que escrever é ecoar vozes silenciadas em escritas pelo efeito.

Fazer uso da palavra como mecanismo de decolonialidade, que, segundo Maldonado-Torres (2008, p. 28) “desempenha um importante papel em várias formas de trabalho intelectual, ativista e artístico atualmente.” Portanto, há, de fato, uma necessidade de iniciativas institucionais ou não, formais e informais para formação autoral, que, aqui, estamos trazendo um recorte para autorias com marcas identitárias que dialoga com o pensamento de Seidel (2020, p. 13)

Defendo que nossa área deva se empenhar mais nessa questão da formação de escritoras e escritores, não só no sentido de instrumentalizá-los, mas também no sentido de proporcionar um sentido de fruição criativa e estética sem par aos eventuais participantes desses cursos ainda por serem criados e oferecidos.

Inserir essa juventude na arte literária deve ser um dos desafios dos professores da área de Letras, especialmente, os de Língua Portuguesa, pois, muitas vezes, acreditamos que, na maioria esmagadora, muitas professoras; professores também não foram contemplados com a formação de uma escrita como ato de criação literária; de fruição. Uma escrita de si, uma escrita que narrasse também memórias de uma coletividade. Mais uma vez, retomo as escritas da estudante autora Silva (2019, p. 46), que traz, na escrita, sua potência, *“É muito emocionante perceber que faço parte de uma geração tão engajada em lutas sociais [...], uma geração que canta suas raízes sem medo de represálias”*. Aqui Silva traz não só um lugar de fala próprio, individual, mas também uma representatividade de voz para a coletividade. Meninas; meninos que precisam de oportunidade para expressar e mudar o mundo, um mundo metafórico, mas o seu mundo como ainda coloca Silva (idem) *“talvez, no futuro, possamos mudar o mundo, mesmo que um pouco, com nossas palavras”*.

É preciso um lugar de fala, de produção, de criação para escreverem pela condição sertaneja, pela condição de meninas;

meninos de Escolas Públicas de periferia, como nos apresenta Evaristo (2018) “tudo que escrevo, tanto do ponto de vista literário, quanto meus ensaios e pesquisas, são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira.”

Evaristo nos leva a refletir sobre o “escrevinhar” marcado pela condição de meninas; meninos que trazem em seus corpos marcas daquilo que João Cabral de Melo Neto chama de vida Severina (2007), uma vida marcada pelo escasso. Não apenas a escassez de chuva e da água para a labuta diária, mas a escassez de oportunidades, escassez de inclusão social, escassez de valorização, entre outras tantas. Albuquerque Jr. (2009, p. 311) nos lembra de que “[...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado.” Tudo isso impregnado de preconceitos tanto étnicoracial quanto linguístico e sociocultural. A Escola Pública seria um dos poucos lugares com chances de romper com essas violências. Porém, como coloca Silva, estudante autora, *“infelizmente, a ideia de que nada de valioso possa vir de uma Escola Pública ainda é muito presente nos atuais dias, de que nós, alunos, não somos capazes de produzir textos decentes!”* (2019, p. 24).

Logo, há uma necessidade de aprofundar nessa investigação de escritas que, trazem a força da voz de uma juventude que “clandestinamente” rompe com as estratégias e cria trilhas e táticas astuciosas para narrar àquilo que Evaristo (2016) intitula de “Escrevivências.” As falas citadas presentes no escrevinhar das produções de estudantes ajudam a entender os pressupostos a que este recorte de estudo se propõe, aquilo que emerge da sala de aula. Santos (2011, p. 26) lembra de que isso está diretamente relacionado ao letramento, pois “leva em conta

a natureza da leitura e da escrita embutida nas práticas sociais”. Questões que os debates agenciados nos seminários interlinhas e nas discussões da Crítica Cultural podem legitimar.

Um refinar epistêmico

Em terras “onde os significados se fixam” Geraldi (2010, p. 72), em que o discurso fundamentalista cada vez sobressai como modelo de contunda, fé e educação, encontrar jovens com escrita engajada já seria o primeiro passo para avançar na construção de políticas de autorias para juventude do Sertão Médio do extremo Norte do São Francisco. Como defende Oliveira (2011, p. 113) é necessário fazer “ecoar vozes silenciadas e/ou invisibilizadas em nossa literatura ao longo dos tempos.” Diante disso, vale saber se as vivências experienciadas nas escritas de jovens estudantes possibilitam para um lugar de fala, um lugar de um olhar, de ler e um lugar de criação.

Pensar esses lugares é romper com o olhar colonizador que Santos (2020) nos lembra de que é preciso “implodir o significado” de significante relacionado às questões, ainda, fechadas na cultura escolar e, especialmente, quando se trata do campo estrutural da língua, que, por sua vez, reflete em uma cultural patriarcal, ainda, presente em discursos da sociedade brasileira, mais arraigados quando se trata do Sertão do Semiárido nordestino. Logo, há de se problematizar essa desmontagem estrutural também presente em atividade de escrita improdutiva, até porque “os significados das palavras não são fixos, numa relação um a um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua” Hall (2019, p. 25). Palavras essas com significados outros que levam para um refinamento epistemológico.

Nessa perspectiva, os efeitos de sentido de uma cultura dominante podem ser desmontados para além da concepção autônoma de letramento. Os modos de ouvir, de falar, de narrar,

entre tantos, estão no campo do significante, pois, como as palavras não são fixas, os significados impostos podem ser desmontados. Para tanto, é necessário mapear e dialogar com a diversidade cultural, identitária e subjetiva, presente nas autorias dos sujeitos escreventes.

Isso nos faz lembrar os postulados do linguista, Saussure Apud Benveniste (1976, p. 48) de que “o homem não nasce dentro da natureza, mas dentro da cultura”, que dialoga com Hall (2019) que o sujeito pós-moderno não tem uma identidade posta e reificada; esse sujeito é inserido em uma cultura, alimento ou não, desde o nascer. E é partir dela, em contato com a língua e as diversidades linguísticas que os mais variados pensamentos e identidades também vão se desenvolvendo, por sua vez, o que ocorre em práticas sociais de leituras e/ou escrita, Street (2010; 2014).

Hall traz uma visão pós-moderna e uma identidade em permanente construção. Vale destacar que não há uma pretensão de focalizar o processo Identitário de jovens escritoras; escritores de Ensino Médio na essencialidade ou na essencialização das identidades, mas compreendê-las nas relações presentes nesse processo, além de suas transgressões sociais presentes nas escritas, aqui, apresentadas. Além de uma necessária compreensão dessas marcas identitárias que emergem de espaços de criação distintos da sala de aula, como bem coloca a estudante autora Silva (2019, p. 94) “*as palavras não nos impõem limites para sonhar*”. Isso potencializa a inserção social de atores em contextos sociais e culturais, muitas vezes, descentralizados e fixados ao longo do tempo. É a força literária que convida ao ato revolucionário das escritas subalternizadas.

Tal abrangência traz um olhar reflexivo em relação ao processo de formação identitária e de subjetividade de jovens estudantes que, muitas vezes, encontram nessas ações, o

fortalecimento de uma esperança perdida. Mais que isso, é um recorte de estudo, que traz um lugar de criação como pontencializador de outra cena na formação em Letras, que desenvolve atividades com a escrita, ou seja, ao mesmo tempo em que forma estudantes que são oriundas da Educação Básica, também, se formam em graduandos-autores, futuros professoras autoras; professores autores. Logo, o recorte aqui é apenas uma dobra do objeto de tese Lugar de Criação de criação que traz outra cena na formação de licenciatura em Letras UPE.

Assim, a implicação apresentada neste estudo é também uma implicação às relações estabelecidas entre os aspectos do *corpus* e dos colaboradores da pesquisa. Pois, mesmo sem um lugar privilegiado de fala, sempre há brechas para burilar com as táticas, não deixam suas vozes serem silenciadas na escrita. Nessa perspectiva, Certeau (2012, p. 95) diz que: “a tática é o senso da ocasião. [...] a arte do fraco, [...] sem um lugar próprio, sem visão globalizante, [...] a tática é determinada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.” Tática essa que funciona como potência de grupos com vozes minoritárias.

Considerando a pesquisa numa visão de letramento e suas práticas sociais que trazem, no seu arcabouço, as subjetividades e diferenças, há, por outro lado, concepção universal e única de apenas uma prática de letramento, que é um letramento escolar autônomo. Sob essa perspectiva, não há como negar a relação entre o processo de letramento e o ato de criação literárias desenvolvidas a partir do fator, prática social. Sobre o letramento literário, Cosson (2006, p. 17) fomenta que, “a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.”

Interessa dizer que o significado do letramento varia através do tempo e das culturas. Por isso, que as práticas de

letramento são diferenciadas e, ao mesmo tempo, transgressoras de sua condição social. São elas que determinam como as ferramentas são utilizadas e não o contrário. Street (2010, p. 37) defende que, “as pessoas podem estar envolvidas em uma forma e não na outra, suas identidades podem ser diferentes, suas habilidades podem ser diferentes, seus envolvimento em relações sociais podem ser diferentes.” A aluna autora Silva (2019, p. 42) traz uma pertinente problematização a respeito de “*uma sociedade preconceituosa, que durante muito tempo nos obrigou a agir de acordo com seus padrões praticamente inalcançáveis, uma sociedade que tentava apagar quem erámos nós, a todo custo, apagar daquilo que realmente somos*”. Nossa aluna autora nos convida a fugir desses padrões, nos propõe a desler, a desescrever, a romper com um saber colonizador. Uma tarefa de quem se envolve com a palavra, um exercício daquele que lida com o texto.

Quando o sujeito *escrevente* se dispõe a desenvolver suas ideias na escrita, há uma abertura para novos conhecimentos serem construídos, ampliando o processo de letramento. Mais que isso, há uma ruptura em relação aos significados fixados. O sujeito se desloca como sujeito de linguagem e desmonta aquilo que não cabe mais naquele processo. Inventar no texto outra coisa. Se, na leitura, parafraseando Certeau (2012), os leitores inventam coisa que não aquilo que era a “intenção” deles, na escrita tem a liberdade de inventar coisa que difere de significado fixado. Para tanto, é pertinente que os sujeitos estejam inseridos na temporalidade desses processos de criações.

Como as palavras não estão a nossa espera, todavia, estamos nós na busca de produções com recortes para as marcas singulares, por que não discutir como nos propõe Moreira (2008, p. 13) “a produção da subjetividade sertaneja”, que dialoga com Hall, Woodward (2020, p. 55) quando diz que a ““subjetividade”

sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu”. Nesse processo, os modos de produção potencializam uma formação de autoria marcada pelo lugar da subjetividade de jovens sertanejas; sertanejos do extremo Norte do São Francisco.

Estudante como Silva traz na escrita, a força de emergir traços de semelhanças e de diferenças como etnia, classe social, gênero. Nessa perspectiva, Kleiman (2001, p. 49) “reflete que fazer pesquisa crítica envolve difíceis decisões de cunho ético e político a fim de que não importem quais sejam os resultados de nossos estudos, nosso compromisso com os sujeitos pesquisados seja mantido.” Kleiman nos adverte de que é preciso tomadas de decisões para uma compreensão das marcas identitárias presentes nos modos de produção que envolve uma juventude estudantil oriunda do Ensino Médio de Escola Pública de periferia.

UM DESCORTINAR PARA OUTRAS CENAS

Até aqui, deixamos pistas de que estamos falando de uma produção coletiva juvenil, especialmente, da estudante autora Silva, que teve seu primeiro “escrevinhar” publicado em um livro de 102 páginas cujo título é *Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil*. Composto por dez Cartas trocadas entre uma professora de Língua Portuguesa e a referida estudante. O teor das cartas versa sobre as escritas dos estudantes, colegas de Silva. No total, são dezesseis meninas participantes e nove meninos. Como contempla Barthes (1977, 9) “percebemos que o professor não tem outra atividade senão a de pesquisar e de falar [...] de sonhar sua pesquisa”. Isso nos leva a pensar em uma discussão teórico-metodológica pelo viés do campo linguístico-literário, como também, a multiplicidade presente no campo da Crítica Cultural. Portanto, este estudo parte do desejo de reconhecer as marcas identitárias presentes no “escrevinhar” de jovens

escritoras; escritores de Ensino Médio de Escola Pública do Semiárido.

Como durante a construção deste texto apresentamos citações estudante autora Silva (2019) segue, de forma breve, um trecho de uma poesia, que marca o seu lugar de fala.

[...]

Para todas as mulheres
Para a bruxa que um dia queimou
Para a trabalhadora humilhada
Para mãe que chorou
Para escrava violentada
E tantas outras que o mundo apagou.

Ao ler tais versos, lembro-me de Deleuze (1999) quando diz que o ato de criação é um ato de necessidade, não um ato de prazer. O criador cria pela necessidade; aqui, estamos diante de uma arte necessária, uma arte que nos evoca a voltar nossa atenção para as mazelas que um sistema opressor causou em épocas diversas. Talvez o que a estudante autora tenta trazer é o ecoar de tantas vozes, por muito tempo, apagadas. Recolhe, em seus singelos versos a dor, o silêncio, a violência, a escravidão, o choro e o grito abafados.

Como uma conferência ou como uma oração, faz um chamamento para lembrar que a memória coletiva se movimenta na identidade em ação, singularidade marcada pela diferença. Ao ler essa estrofe, percebemos um grito de revolta, de desobediência de um: eu posso recolher todas essas marcas para o meu lugar de fala. Um lugar que retrata o seu tempo, retrata o ontem com possibilidades de outras narrativas no presente.

Silva (2019) termina sua poesia nos convocando para um ato de revolução, um ato de evolução para ocupar espaços, até então, não legitimados, devido uma condição de subalternidade.

Juntas somos mais fortes!
Podemos dominar uma nação
Sei que essa luta está longe do ultimato
Mas, já ouço uma canção
Uma canção ainda em seu anonimato
Mas, que há de deflagrar uma revolução.
(SILVA, 2019, p. 52).

Ao usar o sintagma, “Juntas somos”, ela estabelece de fato, um chamamento para as mulheres se fortalecerem, com sua força, com sua potência e não deixarem a luta por vencida. Uma luta que pode ser pela derrubada do patriarcado, a luta para libertação de um sistema opressor, a luta contra a ignorância. A luta para se manter jovem, pois é nessa juventude que a força de se rebelar surge com mais vigor.

Estamos diante de uma escrita que deixa marcas do tempo, da temporalidade. Um texto que surge para o contemporâneo, um deslocamento de fatos marcados em outras épocas, mas que ressoam no tempo presente. O poder expresso nesses versos é de que as mulheres são e podem ser representadas no escrito. Silva, nesta poesia, contrapõe a tantas narrativas preconizadas pelo patriarcado que se torna um convite para os leitores que encontrarão o desdizer sobre as bruxas, o desler sobre mulheres tantas que o mundo apagou; esse apagar não apenas do corpo físico, mas de suas experiências, de suas vivências de seus atos de criação. Silva (2019) traz com leveza o compromisso com o ato revolucionário de uma escrita permeada de memórias, cheia de marcas de identidades.

CONSIDERAÇÕES DAS PRIMEIRAS CENAS

As contribuições, aqui propostas, são importantes para adentrarmos em situações diversas como os sentidos, atitudes e os pressupostos, que contribuem para que este estudo seja relevante na reflexão e legitimação das escritas de estudantes de

Escola Pública, considerando também as discussões teórico-metodológicas no campo da Crítica Cultural e nas práticas sociais de letramento; bem como para política de formação de jovens escritoras; escritores e suas marcas identitárias — culturais especialmente, estudantes oriundos de Ensino Médio de Escola Pública do Sertão do São franciscano.

Ressalta-se também a validação e o fortalecimento de espaços de modos de produção criativa, que emerge para além da sala de aula e, com isso ampliar o fortalecimento dessas práticas como potências para a formação de jovens que iniciam suas primeiras e incipientes produções, ainda, no Ensino Médio de Escola Pública; como também como construto na reflexão de implementação e, ou, continuidade propostas de formação que fomentem a escrita identitária juvenil para o fortalecimento de um lugar de criação.

Assim, essa relevância possibilita a construção de uma tese necessária para o fortalecimento de um Lugar de Criação, potencializando outras cenas: uma escrita com marcas subjetivas e identitárias para e, na formação de jovens escritoras de Escolas Públicas situadas em espaços periféricos; outra cena na formação professoras autoras; professores autores que, ao formarem, também se formam enquanto sujeitos autores de suas narrativas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Corte.

BARTHES, Roland. *AULA. Aula inaugural de semiologia literária do Colégio de França em 1977*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano 1. Artes de fazer*. 18.ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências: Identidade, gênero e violência*. Belo Horizonte: Idea Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Não leiam só minha biografia. Leiam meus textos*. Editor Pedro Ribeiro Nogueira. São Paulo: Revista online Brasil de fato, 2018.
<https://www.brasildefato.com.br/2018/11/20/conceicao-evaristo-nao-leiam-so-minha-biografia-leiam-meus-textos>.

FIORIN, José Luiz...et al. Por que ainda ler Saussure?. In. *SAUSSURE: a invenção da Linguística*. Org. José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento, Flores, Leci B. Barbisan. São Paulo: Contexto, 2017.

GERALDI, João Wanderley. *ANCORAGENS: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2019.

HALL, S. *Identidade E Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. (Org.) Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. Reimpressão, 2020.

SEIDEL, Roberto Henrique. *As materialidades do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de autor, leitor e obra*. In. *Desleitura*. José Carlos Felix | Juliana Cristina Salvadori (Org.). Jacobina/BA: UNEB, 2017. Disponível em: http://desleituradas.uneb.br/coloquio_2017.php.